

ANTES QUE O MUNDO ACABE  
Reflexões sobre a busca do pai a partir da psicanálise<sup>1</sup>

**Aiglis Glaci Ledur Pepl**  
**Ana Beatriz Nunes**  
**Eleni Viegas**

“A psicanálise é como chuva fina: molha-nos pouco a pouco até ficarmos encharcados”. Esta frase vem dos nossos encontros no Círculo Psicanalítico do RGS e hoje percebo que faz eco no nosso fazer clínico e teórico.

Neste ano iniciamos nossa jornada como psicanalistas: Ana trabalha com uma menina, Aiglis iniciou com uma adolescente e Eleni, com pacientes adultos, mulheres - enfim, o “universo feminino”. Tivemos também alguns encontros com a psicanalista Dr<sup>a</sup> Maria Folberg, com a qual estudamos o livro *O corpo na neurologia e na psicanálise*, de Jean Bergès. Como resultado de nossos estudos e em função dos atendimentos na clínica, despertou-nos o desejo de conhecer e entender mais sobre a função paterna.

O que é a *função paterna*? Qual a sua relação com o pai da realidade ou o pai biológico? Esse é um conceito somente lacaniano? Onde encontramos o pai na psicanálise? Qual a diferença entre o pai da realidade e o pai da psicanálise?

Para nós o pai, da realidade e da psicanálise, é uma figura enigmática. Para pensá-los e para que vocês possam nos acompanhar, propusemo-nos analisar o filme *Antes que o mundo acabe*, que aborda o desencontro e o encontro de pai e filho. Iniciamos pensando o significado da palavra pai. O que é pai? No dicionário *Novo Aurélio*, significa:

Homem que deu ser a outro; homem que tem um ou mais filhos; genitor. Aquele que exerce as funções de pai. Animal do sexo masculino que gerou outro. Designação bíblica da divindade, com relação a toda a criação, especialmente ao homem. Criador, fundador. Benfeitor, protetor. Causador, gerador, origem. Aquele que concebe, imagina autor. (FERREIRA, 1999, p. 1473)

O significado da palavra pai vai desde um animal que gera outro até aquele que cuida, protege e que exerce a *paternagem*. Sabemos que este lugar de pai vai se modificando no transcorrer da história. O pai de hoje provavelmente não ocupa o mesmo lugar na cultura de gerações anteriores.

Como ele é visto no imaginário atual? Qual o seu papel? O que esperamos de um *pai suficientemente bom*? Qual a relação do pai com a lei e o que essa determina?

Na maternidade quando ocorre o nascimento de um bebê, ele recebe uma pulseira de identificação com o nome da mãe, dia e hora do nascimento. Também são coletadas as impressões plantares do bebê e da mãe e, em um documento chamado Declaração de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em Jornada Interna do Círculo Psicanalítico do RS em 19 de novembro de 2011.

Nascidos Vivos (DNV), são transcritos todos esses dados constantes da pulseira de identificação do bebê. O pai biológico, de posse desse documento, poderá registrá-lo. No caso de pais solteiros, é necessário o documento de identidade de cada um, ambos necessitam comparecer ao cartório para o registro, possibilitando gerar a Certidão de Nascimento do bebê. No caso de pais menores de idade, é necessária a presença do pai ou responsável pelos menores para que o registro do recém-nascido ocorra. No caso de ausência do pai, o registro irá apenas com o nome da mãe, pois a ela não é permitido nomear um pai que não está presente.

No artigo 226, parágrafo 4 da Constituição Brasileira, lê-se o seguinte texto: “Entende-se também como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (Abreu Filho, 2011).

No código civil, no artigo 1631: “Durante o casamento e a união estável, compete o poder familiar aos pais; na falta ou impedimento de um deles, o outro o exercerá com exclusividade” (Abreu Filho, 2011).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – artigo 227/2010 – diz assim:

É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-lo a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade, opressão (Abreu Filho, 2011).

Na realidade atual existem diferenças entre o pai ideal, pensado a partir das leis, e o pai concebido nos textos psicanalíticos. Partindo de Freud, como pensar este pai?

Em Totem e Tabu (1913), Freud descreve algo fundamental sobre a estruturação da civilização:

Os dois tabus do totemismo com que a moralidade humana teve o seu começo não estão psicologicamente no mesmo nível. O primeiro deles, a lei que protege o animal totêmico, fundamenta-se inteiramente em motivos emocionais: o pai fora realmente eliminado e, em nenhum sentido real, o ato poderia ser desfeito. Mas a segunda norma, a proibição do incesto, tem também uma poderosa base prática. Os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem. Embora os irmãos se tivessem reunidos em grupo para derrotar o pai, todos eram rivais uns dos outros em relação às mulheres. Cada um queria, como o pai, ter todas as mulheres para si [...] Assim, os irmãos não tiveram outra alternativa, se queriam viver juntos [...] do que instituir a lei contra o incesto, pela qual todos, de igual modo, renunciavam às mulheres que desejavam e que tinham sido o motivo principal para se livrarem do pai. Dessa maneira, salvaram a organização que os tornara fortes [...] o germe da instituição do matriarcado [...] substituída pela organização patriarcal da família (FREUD, 1913, p. 147).

Os tabus do totemismo (o assassinato do pai e a proibição do incesto) serão desenvolvidos por Freud no complexo de Édipo, onde os sentimentos de culpa que circulam

nestes interditos estarão mascarados pelos desejos reprimidos da morte do pai e as exigências sexuais para com a mãe.

Segundo Laplanche e Pontalis (2004, p. 77), Freud, em outubro de 1892, em uma carta a Fliess, menciona o mito grego Édipo-Rei e afirma que o poder de dominação de Édipo-Rei torna-se inteligível uma vez que reconhece em si mesmo marcas de sua ocorrência. Com isso estabelece a universalidade do complexo de Édipo, enfatizando que “a todo ser humano é imposta a tarefa de dominar o Complexo de Édipo”.

Freud, ao longo de sua obra, atribui uma importância fundamental na articulação complexo de Édipo e castração. É a verificação, pela criança, da diferença anatômica dos sexos que dá origem ao complexo de castração. No menino a ameaça de castração faz com que abandone o desejo pela mãe e retraia a libido. Nesta operação será constituído o superego, operado pelo pai. Então o menino desiste da mãe ou do pai que se constituem em *objetos incestuosos* para entrar no período de latência.

Segundo Bettelheim, (1982, p. 34), o complexo de Édipo se caracteriza por sentimentos contraditórios de amor e hostilidade, ou seja, amor à mãe e ódio ao pai. Sua ideia central está relacionada à figura materna pelos cuidados intensivos que são dispensados ao bebê. Aos três anos mais ou menos, a criança começa a entrar em contato com algumas interdições. O pai é o personagem principal do Édipo masculino, pois na primeira etapa da formação do Édipo são reconhecidas as ligações afetivas do menino: um apego desejante pela mãe, considerada como objeto sexual, e sobretudo um apego ao pai como modelo de identificação. O menino faz de seu pai um ideal em que ele próprio gostaria de se transformar. O vínculo com a mãe se nutre do ímpeto de um desejo, enquanto vínculo com o pai repousa num sentimento de amor produzido pela identificação com o ideal. O menino fica incomodado com a presença do pai, que barra seu impulso sexual pela mãe. Quer substituir o pai, que passa a se apresentar sob duas imagens: amado como um ideal, odiado como um rival.

No filme *Antes que o mundo acabe* (2009), o adolescente Daniel e seu padrasto, Antônio, relembram este momento do Édipo do Daniel no diálogo:

- Você é muito compreensivo e ciumento – diz Antônio.
- Ciumento? Eu! – responde Daniel.
- É.
- Qual é?
- Quando eu pisei, nesta casa, pela primeira vez, teve um carinho que me olhou de cima a baixo e disse: Tu não podes sair com ela, tu é muito feio.
- Eu disse isso?
- Disse, até que tu tinhas alguma razão. Aí ficou me enchendo o saco para ver se eu desistia da tua mãe.
- Bah! Eu era um pentelho.
- Um pentelho de 4 anos que me declarou guerra. Eu aceitei é lógico. Apesar de feio, eu era bem maior e bem mais forte do que tu. Então pensei: vou me livrar dele

rapidinho. Daí eu fui percebendo que as tuas armas eram muito poderosas, que eu já não queria só a tua mãe. Eu mudei de estratégia.

Daniel, na teoria freudiana, pôde viver o complexo de Édipo normal, pois o padrasto entra em sua vida aos 4 anos e com isso pôde criar a cena necessária para sua estruturação, o triângulo edípico.

O complexo de Édipo é uma herança filogenética com profantasias e está presente em todos os sujeitos. Sua passagem, elaboração e dissolução será algo único para cada ser, fundando um psiquismo desejante, conforme a história familiar de cada um dos componentes da base triangular. Com isso o sujeito estará submetido à lei universal da proibição ao incesto.

O diálogo entre os personagens, do filme, continuou:

- Complicado é ter dois pais – desabafa Daniel.
- Tem opção? – questiona Antônio.
- Tem, continuar como estava.
- Topo!
- Por que eu tenho que encarar um pai que não sabe nada de mim? Para que time eu torço, nem quem é meu melhor amigo!
- Porque ele existe. E porque talvez as coisas não sejam tão simples assim.
- É, pode ser! (ANTES QUE O MUNDO ACABE, 2009)

Nesta conversa com o padrasto, objeto amado como um ideal e odiado como um rival, ele fala dos seus dilemas; ao mesmo tempo, questiona seus sentimentos e os sentimentos de seu padrasto. Antônio acolhe as angústias do enteado e permite que juntos revivam o passado, a fim de que Daniel possa olhar para sua história e integrá-la como parte de si; o pai biológico também pode ser um objeto amado como um ideal.

Na adolescência, segundo a teoria freudiana, o sujeito reviverá o complexo de Édipo, mas agora já poderá buscar um objeto de investimento externo sexualizado e sob a primazia da genitalidade. Nessa busca, Daniel se encontra novamente em um triângulo: ele, o amigo Lucas e a namorada Mim. Muito do que viveu aos 4 anos será reeditado nesse momento.

Buscamos entendimento em Lacan, a partir de Joel Dor (1991) e Bleichmar e Bleichmar (1992), que traz o termo sobre a função paterna. O que é a função paterna? É o que Antônio faz com Daniel? Antônio traz o menino para a realidade, fazendo a castração ao dizer: “Ele existe!” O pai biológico existe e também quando entra na relação com a mãe, aos quatro anos de Daniel.

Joel Dor (1991), utilizando o conceito de função paterna de Lacan, diz assim:

No campo psicanalítico [...] o pai a que nos referimos permanece, sob certos aspectos, excluído da aceção comum que dele fazemos, de saída e quotidianamente, enquanto agente da paternidade comum. Também não se trata de buscar aprender sua incidência na perspectiva de uma evolução histórica que permaneceria, ela também, estranha ao contexto no qual esta noção é operatória em psicanálise. [...] a noção de pai intervém no campo conceitual da psicanálise como um operador simbólico a-histórico [...] como um referente que apresenta esta particularidade essencial de não estar sujeito à ação de uma história, pelo menos no

sentido cronológico. [...] ele não deixa de estar paradoxalmente inscrito no ponto de origem de toda história. A única história que lhe podemos logicamente supor é uma história mítica. Mito necessário, se é que existe, já que esta suposição é universal (DOR, 1991, p. 13).

Quando pensamos na história do filme, percebemos que as figuras de pai e mãe transcendem a realidade ali imposta, trata-se de algo anterior que está ligado à função paterna. No desenvolvimento neurótico, a mãe imagina o seu bebê antes mesmo dele nascer, pensa se será menino ou menina, que nome lhe dará, como ele será como sujeito. Após o nascimento, mãe e bebê encontram-se uma relação diádica, imaginária, especular, segundo Lacan, a qual é necessária e indispensável para darmos continuidade na estruturação do sujeito.

Para Lacan (apud Bleichmar; Bleichmar, 1992), quando a criança sai da fase identificatória do estágio do espelho, encontra-se alienada no imaginário da mãe. A criança deseja ser *o desejo da mãe*, ser o que a mãe não possui: o falo. Simultaneamente, outra etapa de identificação se coloca para o sujeito: a identificação com o desejo do outro. Constitui-se, então, uma situação embaraçosa com duas saídas difíceis e penosas: é o de ser ou não ser o falo da mãe. Joel Dor nos diz:

a triangulação edipiana pai-mãe-filho, a qual só tem sentido, estruturante, se for compreendida em referencia a esta unidade fundadora que a ordena: o falo, [...] o falo constitui assim o centro da gravidade da função paterna, [...] incidência fálica como o único agente da economia do desejo e de sua circulação com referencia à mãe e ao filho [...] Porque a dimensão do pai simbólico transcende a contingência do homem real, não é pois necessário que haja um homem para que haja um pai. Seu estatuto sendo o de puro referente, o papel simbólico do pai é sustentado, antes de mais nada, pela atribuição imaginária do objeto fálico. Nessas condições, basta que um terceiro, mediador do desejo da mãe e do filho, dê argumentos a esta função para que seja significada sua incidência legalizadora e estruturante. (DOR, 1991, p. 19)

No filme, percebemos, no decorrer da história, que Daniel nasce do desejo dos pais. Esses desejos surgem de diálogos da mãe com o filho, assim como surgem nas cartas do pai para o filho:

- Daniel é um nome bonito, é o nome de um profeta – diz a mãe.  
- Ele deve ter sido bem legal contigo para você botar o nome dele no teu filho – diz Daniel.  
- Eu gostava muito dele.  
[...] Eu poderia ter ido com ele, mas eu tava grávida, eu não queria que o meu filho nascesse sem uma casa e no meio de um monte de bomba. Eu achava que ele ia voltar! Um dia eu estava apaixonada, cheia de planos, no outro eu estava sozinha, sem emprego e com um filho na barriga. Teu pai seria muito infeliz aqui e eu seria muito infeliz fora daqui. Eu, não sei, mas eu acho que nada mais faz uma criança mais infeliz que pais infelizes – pensa a mãe.  
O pai escreve: [...] só que eu me lembro dela quando ela tinha 20 anos e a gente se conheceu. Você já viu uma foto dela nesta idade? Talvez eu mesmo tenha feito esta foto. Ela era muito bonita. A tua mãe continua uma mulher bonita? Ela tinha uma tatuagem [...] que significa perseverança. [...] significa, entre outras coisas, cabeça dura e teimosa. Tua mãe ainda é uma pessoa perseverante? [...] Foi nesta época que eu conheci a tua mãe, a tua mãe é inesquecível, ela era linda (ANTES QUE O MUNDO ACABE, 2009).

Ao mesmo tempo, a mãe também mostra que ela está submetida ao desejo do outro. A mãe pode olhar-desejar o filho e também pode olhar-desejar para além desta relação. É este olhar-desejar para fora que permite o curso do desenvolvimento humano e que para Lacan, segundo Bleichmar e Bleichmar (1992), no segundo momento do processo edípico, o *pai*, não necessariamente o homem, cumpre uma função: o de privar a mãe de seu filho-falo e a este de imaginar ser o falo da mãe. Surge o dilema da identificação fálica e a renúncia de ser o desejo da mãe. Mas isso só será possível se a mãe reconhecer e permitir, pois ela deve se fazer eco da proibição alienante, transformando-se em porta-voz do que Lacan chama de “Lei do pai”, possibilitando que seu filho descubra que o desejo de cada um deve se submeter à lei do desejo do outro. Com isso a criança ingressa na simbolização da lei. Mais tarde será confrontada com a castração, que enreda a necessidade de ter aquilo que preenche o desejo da mãe. Pois só assumindo a castração torna-se possível aspirar ter o falo, ou, o que é o mesmo, transmitir a Lei:

[...] operação simbólica: a metáfora do Nome-do-Pai [...] durante a qual a criança substitui o significante do desejo da mãe pelo significante Nome-do-Pai, contribui assim para conferir ao pai um estatuto perfeitamente original. Com efeito, ao fim desta substituição significante, tudo se passa justamente como se o pai com que lidamos nada mais fosse, como formula Lacan, que uma pura metáfora (DOR, 1991, p. 20).

A metáfora do Nome-do-Pai é o possibilitador para a criança se sujeitar ou vir a tornar-se sujeito do seu próprio desejo.

Para Bleichmar e Bleichmar (1992), na terceira etapa do Édipo, onde a criança já recebeu a significação, ela terá condições de renunciar *ser o falo* para poder então iniciar suas trocas argumentativas que a possibilite *ter o falo*. Neste momento as identificações ocorrem de pai para filho e de mãe para filha. A identificação pode ser aceita ou recusada, mas ela opera sempre a partir do Outro, e o sujeito a faz sua ou a recusa.

O pai opera em cada sujeito na transmissão de uma insígnia de pertencimento ao mundo, de identidade sexual e de possibilidade de marcar as diferenças. O pai é o responsável pela consumação do desejo. Um desejo que vai além da mãe e do filho. O pai coloca-se como princípio de separação e, ao mesmo tempo, de união. Ele separa a criança de um gozo absoluto com a mãe, ao mesmo tempo, possibilitando a criança se sujeitar do gozo absoluto em desejo quando o submete à Lei.

Quando o sujeito se faz neurótico, não dá para fugir de um certo destino, do inconsciente, o qual impera no não dito, mesmo com alguns ditos. Estes se tornam enigmas familiares e são dotados de uma força de enorme atração que levam o sujeito ao seu encontro, em sua busca. Escreve o pai em carta para Daniel: “Estas pessoas parecem lembranças de um

tempo que acabou, no entanto estão vivas como eu e você em pleno século XXI. Elas resistem às mudanças, como se o passado não pudesse ser esquecido, daí eu as fotografo para ajudá-las a não esquecer” (ANTES QUE O MUNDO ACABE, 2009).

No nosso estudo, fomos percebendo que, na teoria freudiana, a figura do pai encontra-se na construção do Édipo como fator universal. Lacan, ancorado no estudo inicial de Freud, parte para a função estruturante do pai no psiquismo do sujeito ou de sua não sujeição. A função paterna possibilita a entrada no simbólico, na lei, por via da mãe que deseja além do filho, permitindo que o filho possa também desejar.

Segundo Rosa (2009), interpretando Winnicott (1990), sua teoria cria diálogo com o ambiente, sendo o pai, desde as primeiras fases do amadurecimento do bebê, um sustentador da relação dual mãe-bebê, garantido um ambiente suficientemente bom. A sustentação que o pai oferece à mãe afeta esse ambiente. O pai entra na relação dual mãe-bebê como uma mãe substituta, participando como marido e sustentando a relação mãe-filho, com o seu elemento feminino puro. A mãe é poupada de ter que se preocupar com coisas externas, então o pai pode ajudar a criar um espaço para que a mãe sintasse-se segura e à vontade num momento onde precisa estar voltada e atenta ao interior do círculo formado por seus braços e no centro do qual está o bebê.

No filme percebemos que o ambiente não foi suficientemente bom para a mãe de Daniel. O pai a deixa (quem sabe este ambiente também lhe faltou?) e ela busca um ambiente mais seguro para si e o bebê. Esperançosa de que o pai volte, espera. Quando percebe que ele não voltará, permite que outro ocupe o lugar de sustentador.

No período seguinte, de dependência relativa, o pai chama a esposa para si, a auxilia a se readaptar como mulher de modo que seja oferecido ao bebê o caminho para a independência. Aqui o pai não é interventor ou interditor, ao contrário, ele é sustentador dessa relação para que o amadurecimento possa ir ocorrendo. O pai vai surgindo como modelo de integração, maneira que permite à criança crescer rumo à maturidade através da percepção de um terceiro. A relação direta com o pai, nesse período, fornece segurança e proteção no sentido de colocar limites à criança que não teme destruir sua mãe. Este pai permite à criança conhecer e viver espontaneamente seus impulsos, controlando a sua destrutividade.

No filme, percebemos que o sustentador se concretiza na figura do padrasto, que dá suporte para a mãe, que decide não acompanhar o pai biológico em seu ofício de fotógrafo de guerra. Também percebemos as funções de limite que o padrasto coloca para o menino quando fala do pai biológico: “Ele existe!” E quando, após um excesso de ingestão de bebida alcoólica, o repreende como *um filho*.

Como fica nossa escuta a partir de agora? Como você escuta essas falas e cenas?

Apontamos três vinhetas clínicas para reflexão sobre a maternidade e a paternidade:

1. Casal jovem está aparentemente calmo durante o trabalho de parto de primeiro filho. Na hora do parto, o pai fica parado na porta e revela olhar angustiado. Diz que não vai assistir o parto. A mãe é questionada se foi combinada a presença do pai na hora do parto ao que ela afirma que sim. Neste momento é convidado a entrar na sala, ao mesmo tempo em que é estimulado a não perder esse evento. Ele estaria acompanhado e também poderia se retirar a qualquer momento. O nascimento aconteceu com muita emoção de pai e mãe na presença do filho, testemunhado pela equipe médica. O reconhecimento e a satisfação desse pai revelou-se por um beijo na testa de quem o estimulou a participar da experiência.

2. É frequente tanto a mãe da parturiente ser a escolhida para acompanhá-la quanto ouvir falar que o pai da criança “é um banana”. Estas designações podem ser indicativos de que não há espaço para o homem; podem também ser reveladoras de sentimentos de exclusão. O que dizem estas falas?

3. Dois pais: G., 18 anos, vem ao alojamento conjunto após o parto normal de seu primeiro filho. No horário da visita, ocorre um tumulto no quarto, pois os dois namorados de G. querem assumir a paternidade de seu filho. Os seguranças são chamados, pois ocorreu um confronto físico. O bebê também é retirado para um local seguro. Eles continuam a discussão e se dirigem ao posto médico, um deles solicita querer dar um beijo no bebê e diz que retornará, desafiando o outro. Saem na companhia dos seguranças. G. conta que não sabe quem é o pai de seu bebê e que irá resolver isto mais tarde. Parece calma e despreocupada com o acontecimento. Continua com os cuidados de seu bebê. Mais tarde uma tia chega para ajudá-la. No dia seguinte ela e o bebê recebem alta hospitalar e sai na companhia da tia. Qual o lugar do pai na vida dessa mãe? Como esse pai (ou pais) está sendo nomeado para o filho?

## REFERÊNCIAS

ABREU FILHO, N. P. *Vade Mecum*. São Paulo: Verbo Jurídico, 2011.

ANTES QUE O MUNDO ACABE. Ana Luiza Azevedo. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre: Imagem Filmes, 2009. 1 DVD (102 min.).

BEICHMAR, C. L.; BEICHMAR, N. M. *A psicanálise depois de Freud*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BETTELHEIM, B. *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix, 1982.

- DOR, J. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREUD, S. Totem e tabu e outros trabalhos (1913). In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol XIII.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WINNICOTT, D. W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- ROSA, C. D. *O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott*. Revista Natureza Humana. São Paulo, 2009. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=1517-243020090002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1517-243020090002&lng=pt&nrm=iso) (acesso em 7 de out. 2011).